

O que és para mim

AO DOENTE DESCONHECIDO

TALVEZ te considere alguém um ser inútil, um peso morto, um naufrago da vida, um fracassado. — Talvez se desviem de ti muitos olhares e nem mesmo teus parentes e amigos ousem se aproximar de ti.

Não sei de onde vieste.

Ignoro por que etapas passaste, antes de seres o farrapo humano que tenho á minha frente.

Não sei se tuas mãos algum dia se ergueram ao céu em supplica fervorosa, nem se em teu coração palpita o amor de Deus.

Não importa.

E's para mim o enviada de Deus.

E's o irmão querido, filho do mesmo Pae que está no céu, entregue a meus cuidados, recomendado ao meu amor fraterno com inteira confiança.

Para meu coração de mulher, és, em tua fragilidade, o pequenino, o filho querido que a mãe embala com ternura, aconchega, consola. — Meu pobre enfermo fragil e desprezado, és muito mais ainda para mim.

O leito em que sofres me lembra uma cruz, aquela cruz que é a esperança de todos nós, que deve ser tua esperança e tua força.

E tu mesmo, pobre farrapo humano, fazes reviver ante meus olhos a figura do Homem de dôres, a imagem de Jesus.

E' por isso que, além do carinho que me inspiras, eu tenho por ti um profundo respeito.

E' por isso que toco as tuas chagas com veneração.

E estás longe de imaginar, pobre irmão que sofres, que te devo muito mais do que deves a mim.

Devo-te a alegria de fazer o bem.

Devo-te a doçura que me invade a alma, quando, findo o trabalho, o corpo fatigado se sente incapaz de mais algum esforço, e o coração se alegra por ter servido com generosidade.

Devo-te tanto, meu doente abandonado!

E no ultimo dia, é a ti ainda que deverei a alegria inefavel de ouvir dos labios divinos: Vem, bendita de meu Pae... porque estive doente e me visitaste!" "Porque o que fizeste ao menor de meus irmãos, a mim o fizeste!"

W A L E S K A P A I X Ã O .

Aluna da turma intermediaria.

Ano II - julho de 1937 - me 7